

A VIOLÊNCIA CHEGA AOS ENDEREÇOS BLINDADOS

Se futuramente alguém vier a pesquisar os registros dos principais veículos midiáticos brasileiros e tomar o mês de janeiro de 2002 como referência, poderá supor que a mídia brasileira esteve empenhada em investigar os fatos violentos, as causas, as instituições responsáveis pelo cumprimento da ordem institucional, etc.

A agenda midiática do primeiro mês do ano 2002 colocou a violência como tema central. Depois da crise Argentina, foi o Brasil a ser descoberto no maior dos vermelhos. O sangue esteve estampado em todas as manchetes de capa. Seqüestradores retomam a fórmula clássica de atuação: voltam a seqüestrar figuras detentoras de poder.

Já não se ouve mais as histórias, já corriqueiras, dos seqüestros relâmpago, modalidade de crime que ameaça especialmente a classe média, signatária dos cartões de crédito, documento absolutamente indispensável ao êxito desse tipo de ação criminosa. O ano de 2002 é aberto com as atenções voltadas para uma “onda” de seqüestros, concentrada no estado de São Paulo. Em boa parte desses casos, as vítimas foram assassinadas.

UMA NAÇÃO EM PÂNICO. Esta é a manchete de capa da revista Isto É de 30 de janeiro de 2002. Na ilustração da capa há um lençol branco, manchado de sangue, a cobrir um corpo estendido sobre o chão. Deste corpo só se vê as mãos, pequena parte das pernas e os pés, ou melhor, os sapatos. E são estes, os sapatos, que dão pistas sobre a posição que ocupava a vítima na estrutura social. Tem-se a impressão de couro, tem-se a impressão de caro.

No interior da revista, na página 24 é noticiada a morte de Celso Daniel, prefeito de Santo André, do Partido dos Trabalhadores. Não, Celso

Daniel não representa o perfil da vítima ordinária, da vítima pé-de-chinelo. Além disso, ao lado de sua morte há outros casos de vítimas similares, todas filiadas ao PT. Assim, a plausibilidade da hipótese de uma onda de crimes por motivações políticas é admitida.

A mídia, não apenas a revista Isto É, refere-se a um clamor nacional. E mais uma vez, acontecimentos violentos são capazes de alterar a abordagem habitual da violência na mídia. É oportuno refletir sobre a frequência com que esses eventos de “grande porte” têm ocorrido: o seqüestro da filha de Sílvio Santos ainda não tinha saído dos espaços midiáticos, quando foi, abruptamente, substituído pelo inusitado seqüestro de seu pai; mas também esse episódio, de incrível potencialidade midiática, teve que ser secundado diante dos atentados ocorridos nos Estados Unidos. O assassinato do prefeito de Campinas não foi alvo de grande atenção, diante da concorrência de “fatos importantes”. Logo em seguida, depois de um curto hiato ocasionado pela atenção voltada para a crise argentina, a cidade de Campinas, uma das cidades mais importantes do estado de São Paulo, converte-se em cenário de seqüestros. Enquanto isso, em São Paulo, o publicitário Washington Olivetto era vítima de outro seqüestro.

A impressão que se tem é que, desta vez as coberturas para os “grandes casos de violência” não terão as mesmas características de sempre, em função da quantidade excessiva de “fatos novos”. Ai está um indicador de que a violência está ampliando seus espaços de ação e batendo, com mais frequência, às portas dos endereços blindados.